

## O CONHECIMENTO E O ENSINO NO ISLÃ MEDIEVAL

### Knowledge and Teaching in Medieval Islam

Elisângela Coelho Morais<sup>1</sup>

Doutora em História pelo Programa de Pós-Graduação em História e Conexões Atlânticas:  
culturas e poderes (PPGHIS-UFMA/CAPES)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0978-5628>

Email: [elishst2@gmail.com](mailto:elishst2@gmail.com)

Recebido em: 29/11/2023

Aprovado em: 01/02/2024

#### Resumo:

O texto aborda a educação no mundo islâmico medieval, destacando a importância do conhecimento ('ilm) e da fé na tradição islâmica. O conhecimento é visto como uma obrigação contínua para todo muçulmano, essencial tanto para a fé quanto para o progresso espiritual e científico. As instituições educacionais, como o kuttāb e o maktab, desempenharam papéis fundamentais na disseminação do conhecimento, com o kuttāb focando na memorização do Alcorão e o maktab oferecendo uma educação mais ampla. As mulheres também tiveram um papel significativo, contribuindo em áreas como enfermagem, matemática e astronomia. Figuras como Rufayda al-Aslamiyyah e Fátima al-Fehri exemplificam essas contribuições. A busca pelo conhecimento no Islã é uma prática que transcende gênero e posição social, refletindo um compromisso com a educação contínua e a preservação da tradição.

**Palavras-chave:** Educação; Medieval; Islã; Kuttāb; Maktab

#### Abstract:

The text addresses education in the medieval Islamic world, highlighting the importance of knowledge ('ilm) and faith in the Islamic tradition. Knowledge is seen as an ongoing obligation for every Muslim, essential for both faith and spiritual and scientific progress. Educational institutions such as the kuttāb and maktab played key roles in disseminating knowledge, with the kuttāb focusing on memorization of the Qur'an and the maktab offering broader education. Women also played a significant role, contributing in areas such as nursing, mathematics and astronomy. Figures such as Rufayda al-Aslamiyyah and Fatima al-Fehri exemplify these contributions. The pursuit of knowledge in Islam is a practice that transcends gender and social status, reflecting a commitment to ongoing education and the preservation of tradition.

**Keywords:** Education; Medieval; Islam; Kuttāb; Maktab

Por muito tempo foi disseminada a crença de que o Islã apresentava uma rejeição ao conhecimento e aprendizagem que se encontravam fora do Corão, usando, por exemplo, a destruição de acervos históricos em áreas ocupadas por grupos radicais, que não representam a mentalidade geral dos seguidores do Profeta, tal afirmação ignora a ideia de que os povos muçulmanos sempre tiveram contato com grandes civilizações durante seu processo de expansão e que destas absorveu e influenciou efetivamente a produção de conhecimento.

Assim como com outros povos como os romanos e os persas, os muçulmanos também absorveram elementos dos povos que eles tiveram contato, pois antes do surgimento do Islã, a Pérsia Sassânida foi um importante centro de aprendizado que absorveu influências da filosofia e ciência helenística, alexandrina, síria e hindu. Enquanto a tradição educacional grega estava em declínio na Europa durante os primeiros séculos cristãos, a Pérsia se destacou sob o reinado de Anushirwan, o Justo, acolhendo estudos de diversas culturas. Centros como Salônica, Ctesifonte, Nishapur e, especialmente, Jundi-Shapur foram fundamentais nesse intercâmbio.

Desde os tempos pré-Sassânidas, a Pérsia havia absorvido conhecimentos da Babilônia e da Índia, contribuindo significativamente para áreas como matemática e música. As bibliotecas zoroastristas possuíam obras científicas e éticas em pahlavi, muitas das quais foram posteriormente traduzidas para o árabe, latim e outras línguas europeias. Os reis sassânidas, como Ardashir e Shapur, promoveram a tradução dessas obras, contratando especialistas de diversas regiões para reunir conhecimento. (Nakosteen, 1964, p.17)

Vemos relatos de inúmeros estudiosos muçulmanos que tiveram contato com estudos de diversos povos e com acesso ao conhecimento destes puderam ampliar seu olhar sobre o mundo, como fala o famoso al-Jahiz de Basra (d.869) em relação à influência grega:

Não possuímos os livros dos Antigos, nos quais a sua maravilhosa sabedoria está imortalizada e nos quais as múltiplas lições da história são tratadas de tal forma que o passado vive diante dos nossos olhos, não tivemos acesso às riquezas da sua experiência que, de outra forma, seriam tivessem sido barrados para nós, nossa parcela de sabedoria seria imensuravelmente menor e nossos meios de alcançar

uma perspectiva verdadeira seriam muito escassos. T. A (Nakosteen, 1968, p.13)

## **O Processo de Ensino**

O processo de ensino no Islã foi paulatinamente organizado a partir do tempo do profeta Maomé, antes os jovens aprendiam os afazeres cotidianos com seus pais, geralmente os meninos aprendiam como cuidar das tendas e dos negócios, e as meninas, casavam cedo e logo se tornavam mães.

O conhecimento era repassado oralmente para os mais novos pelos mais velhos, e apesar de que nas cidades havia quem lesse e escrevesse, a maioria das pessoas era iletrada, e mesmo durante algum tempo, os convertidos ao Islã tiveram acesso às palavras do Corão, pela oralidade.(Dodge, 1962, p. 1)

E várias diretrizes de vida foram repassadas pelo Corão, cobrindo vários aspectos, como fé, trabalho, comportamento e lei, ao conhecerem os ensinamentos do profeta, os fieis que a bem seguissem teriam acesso não somente ao conhecimento mas também a como seguirem a vida, onde segundo Bayard Dodge: “A educação muçulmana era a educação corânica” (Dodge, 1962, p. 2)

O Corão era uma pedra fundamental da educação islâmica, era nele que as diretrizes sociais e culturais elementos essenciais para a edificação da juventude eram baseadas, o livro sagrado traz em suas páginas . A definição de educação para os islâmicos parte do princípio que esta é derivada unicamente do intelecto humano, como a educação grega, por exemplo, mas também da revelação divina (Hussain, 2013, xv)

Durante o “período medieval”, a educação e os estudos muçulmanos eram sustentados pelo espírito escolástico semelhante ao cristianismo:

Enquanto esta escolástica resultou, nas mãos de teólogos-estudiosos cristãos latinos, em esforços eruditos para reconciliar e sintetizar a filosofia grega, particularmente o aristotelismo e o neoplatonismo, com as doutrinas da Igreja, atingindo seu auge em São Tomás de Aquino, a escolástica muçulmana tentou reconciliar Pensamento greco-helenístico com doutrinas religiosas muçulmanas, atingindo seu apogeu nas obras de al-Ghazzali. Em ambos os planos educacionais, o conhecimento, a lógica e o método escolásticos foram habilmente empregados para conciliar a erudição secular ou leiga com o dogma

religioso, para harmonizar a razão com a fé. T.A (Nakosteen, 1964, p. ix)

E as discussões sobre ensino e aprendizado não eram encontrados somente em escritos de filosofia ou teologia, mas também em textos históricos, místicos e literários, sendo que uma das principais características das deliberações muçulmanas medievais sobre ensino e aprendizagem são derivações de princípios declarados no Corão e nas tradições proféticas, ao mesmo tempo que o pensamento educacional islâmico clássico também tenha influência do paradigma da paideia grega (criação, educação). (Gunther, 2020, p. 3)

Outro aspecto a ser destacado é o conhecimento, *'ilm* que possui acepções diversas conforme o contexto epistemológico em que ocorre, podendo expressar conceitos sagrados e seculares e segundo Sebastian Gunther transmite três ideias:

1. a aquisição informal de dados físicos para obter certeza em compreender o mundo e compreender “uma forma de realidade mais elevada e verdadeira” uma ideia já expressa no termo árabe antes da ascensão do Islamismo;
2. conhecimento divino, no sentido de verdade e unidade ou interconexão de tudo o que pode ser conhecido - um conceito avançado no Alcorão e ainda mais desenvolvido nas tradições proféticas, proporcionando assim um terreno sagrado para a noção de uma busca abrangente e ao longo da vida pela aprendizagem e crescimento; e
3. um ramo individual do conhecimento ou uma disciplina acadêmica, da qual a forma plural da palavra *'ulūm* (“ciências” ou “a soma de todo o conhecimento”) deriva. T.A (Gunther, 2020, p.4)

O Islã ensina que somos aprendizes por toda a vida e que se deve buscar o conhecimento (*'ilm*) enquanto vivermos na terra, e essa busca é uma contínua obrigação. O conhecimento é um dos dois elementos cruciais no dia do Juízo final (dia da Ressurreição-*Iaum al-Qiimah*), o outro é a fé.

A falta desses dois elementos, pode levar à decadência do homem, para ter fé é preciso ter conhecimento, ambos são interligados. Por isso: “Buscar conhecimento é uma obrigação para todo muçulmano”. *طَلَبُ الْعِلْمِ قَرِيضَةٌ عَلَى كُلِّ مُسْلِمٍ* - contido no Hadith<sup>2</sup>, Sunan Ibn Majah<sup>3</sup> 224 Grau: Sahih -autêntico, 2007, p.222).

A fé produz a busca pelo conhecimento, essencialmente o espiritual, para que o praticante possa saber seguir a religião corretamente, mas o conhecimento científico também é obrigatório, pois ajuda a comunidade e a humanidade. Assim fala o estudioso Al-Ghazali:

Esta, então, é a verdade sobre o conhecimento cuja aquisição é considerada uma ordenança de Allah obrigatória para todos e não menos obrigatória para alguns devido a sua observância por outros. A essência de tudo isso é o conhecimento de como realizar obras cuja quitação é obrigatória. Quem, portanto, sabe quais trabalhos são obrigatórios juntamente com o tempo de sua quitação, o mesmo possui o conhecimento cuja aquisição é *fard'ayn* (Al Ghazali, Book of Knowledge, Sec II, p. 27).

Além do *fard'ayn* que é o conhecimento individualmente obrigatório (baseado no saber das crenças islâmicas que todo o muçulmano deve conhecer), há o *fard kifayah* que é o conhecimento específico adquirido por indivíduos de um grupo da comunidade, isentando outros indivíduos desse mesmo grupo da obrigatoriedade de ter. Por exemplo, conhecimentos médicos.

No Alcorão, o conhecimento é adquirido por *Iqra*, e se refere ao processo de leitura, que significa “ler” ou “recitar”. Este é um dos principais portais para adquirir conhecimento, e está contido no Alcorão:

“Lê, em nome do teu Senhor Que criou. Criou o homem de algo que se agarra. Lê, que o teu Senhor é Generosíssimo. Que ensinou através do cálamo. Ensinou ao homem o que este não sabia.” (Alcorão 96; 1-5, 2007, p.1044).

Sobre a temática do conhecimento e a importância de observar os regulamentos e a orientação de Allah, o Alcorão possui uma sura<sup>4</sup> própria chamada (الطالقات , at-talāq), nela são demonstradas as recompensas daqueles que observam os regulamentos e como estes chegam ao crente através do conhecimento.

Por isso, a erudição para os muçulmanos era tão importante, e segundo Ibn al-Mubarak no livro *al-Mujālasah wa Jawāhir* , se o homem abandona o conhecimento por assumir ser suficiente então este se tornará ignorante. Mostrando também que o reconhecimento à necessidade de mais conhecimento é um ato de humildade, como diz

‘Abd Allāh ibn ‘Abbās(c. 619 – 687 EC) um primo de Muhhamad e conhecido como um dos maiores comentadores do Corão (*mufassir*):

Não há ser humano exceto que a sabedoria de sua mente está nas mãos de um anjo. Quando ele mostra humildade, o anjo é ordenado a aumentar sua sabedoria. Quando ele mostra arrogância, o anjo é ordenado a diminuir sua sabedoria. (مَا مِنْ أَدْمِيٍّ إِلَّا فِي رَأْسِهِ حِكْمَةٌ بِيَدِ مَلَكٍ فَإِذَا ارْتَوَّضَعَ قِيلَ لِلْمَلِكِ ارْزُقْ حِكْمَتَهُ وَإِذَا تَكَبَّرَ قِيلَ لِلْمَلِكِ ضَعِغْ حِكْمَتَهُ) Al-Mu'jam Al-Kabīr<sup>5</sup> 12771 Grau: Hassan- bom, 2009, s/p).

Há inúmeros *hadiths* que enfatizam a importância da educação ética e dos bons modos, por exemplo, Abdullāh ibn ‘Amr relata que o Profeta Muhammad nunca falou de forma insultuosa ou proferiu maldades intencionalmente. Ele frequentemente afirmava: "O mais querido para mim entre vocês é aquele que tem o melhor caráter e boas maneiras". Muitos desses relatos foram registrados sob o título *Kitāb al-‘ilm* ("O livro do Conhecimento") , nessa variada coleção de *hadiths*, é destacada a estreita e significativa relação entre caráter, comportamento exemplar, cortesia e conhecimento.(Hussain, 2103, xviii)

### **O conhecimento e sua transmissão**

Segundo o Corão, o conhecimento é importante para a criação de um mundo justo com a prevalência da paz verdadeira, e para que essa mensagem se expanda, é preciso a ação dos estudiosos.

Ao longo do tempo, surgiram diversos tipos de professores: havia aquele versado no Corão, que fazia comentários sobre seus ayat, as revelações do livro, nas mesquitas, *Al- qurrā* (leitor), outro era professor moral *Al-qāss*, que enriquecia seus discursos com contos do Corão, e semelhantes aos narradores do Antigo Testamento, ilustrava seu discurso com as histórias dos heróis corânicos.

Também havia o relator *Al-rāwī*, que dominava as tradições islâmicas, os poemas beduínos, as elegias e os provérbios, além de contar anedotas sobre o profeta e seus companheiros. Outro tipo de professor era o tutor, *Al-mu’addib*, responsável por

lecionar para alunos abastados, e que combinava as funções dos demais professores, ensinando desde aritmética básica até a arte da conversação. (Dodge, 1962, p.2)

No islã, os eruditos são testemunha da unicidade de Allah, e são conclamados a divulgar essa mensagem, assim como estes sabem através do conhecimento os sinais de Allah. Aqueles que têm conhecimento são as pessoas mais rápidas para entender a verdade e acreditar nela: “E para que aqueles que receberam conhecimento saibam que (este Alcorão) é a verdade de seu Senhor, para que possam acreditar nele, e seus corações podem submeter-se a ela com humildade.” (Alcorão, 22:54, 2007, p.543).

Os estudiosos têm nobre status no Islã, neste e no outro mundo: “Allah exaltará em grau aqueles de vocês que acreditam e aqueles que receberam o conhecimento.” (Alcorão, 58:11, 2007, p.917).

Estes são herdeiros dos profetas cuja herança é o conhecimento, assim diz a Hadith Abi Dawud narrada por Kathir ibn Qays:

Kathir ibn Qays disse: Eu estava sentado com AbudDarda' na mesquita de Damasco.

Um homem veio até ele e disse: AbudDarda, eu vim até você da cidade do Mensageiro de Allah (ﷺ) para uma tradição que ouvi você relatar do Mensageiro de Allah (ﷺ). Eu não vim para nenhum outro propósito.

Ele disse: Eu ouvi o Mensageiro de Allah (ﷺ) dizer: Se alguém viaja por uma estrada em busca de conhecimento, Allah o fará viajar por uma das estradas do Paraíso. Os anjos baixarão suas asas em seu grande prazer com quem busca o conhecimento, os habitantes dos céus e da terra e os peixes das águas profundas pedirão perdão ao homem instruído. A superioridade do erudito sobre o devoto é como a da lua, na noite em que está cheia, sobre o resto das estrelas. Os eruditos são os herdeiros dos Profetas, e os Profetas não deixam nem dinar, nem dirham, deixando apenas conhecimento, e aquele que o recebe, recebe uma porção abundante (SUNAN ABU DAWUD,3641 Grau: Sahih autêntico, 2008, p. 207).

Aqui percebemos que há uma diferença entre aqueles que tem conhecimento, e os que não tem, pois os mulçumanos buscam no conhecimento saber o propósito de sua criação no mundo. Diga: “Os que sabem são iguais aos que não sabem?” Somente aqueles que possuem intelecto recebem admoestação. (ALCORÃO 39:9, 2007, p.758) Além de saber o que seria ou não permissível, assim como saber a viver consoante as maneiras ensinadas pela religião. Além de ter facilitado o caminho para o Paraíso:

“Quem trilhar um caminho em busca de conhecimento, Allah facilitará para ele o caminho para o Paraíso” (SUNAN JAMI’ AL-TIRMIDHI, 2646 Grau: Sahih autêntico, 2007, p. 50-51). Mas aquele que se vangloria do conhecimento adquirido o perderá.

O nível mais alto de conhecimento é humildade, modéstia, e seu resultado é virtude e consciência de Deus (taqwa), abstando-se de desejos e impulsos carnis (os caprichos da alma), apoiando a verdade, abstando-se do pecado, afeiçã para com seu irmão em fé, ouvindo as palavras dos eruditos e aceitando-as, e impedindo-se de se vangloriar quando estiver no poder...” (Majlisi, 1403/1983, p. 6).

O conhecimento sem motivo honroso, não é considerado conhecimento, é um desvio, pois o conhecimento sem honra é corrupto. (Makarem Shirazi, 1991. p. 534)

Todas as ciências são importantes, mas a melhor de todas são as ciências da Sharia<sup>6</sup>, onde segundo os muçulmanos, o homem conhece a Deus e a Seu Profeta, além da religião, este é o conhecimento de Muhammad, que recebeu esse conhecimento de Allah para que este pudesse passá-lo à humanidade.

“De fato, Allah concedeu um grande favor aos crentes quando enviou entre eles um Mensageiro (Muhammad) de entre eles, recitando-lhes Seus versículos (o Alcorão), e purificando-os (dos pecados por segui-lo), e instruindo-os (no) Livro (o Alcorão) e Al-Hikmah [a sabedoria e a Sunnah do Profeta], enquanto antes disso eles estavam em manifesto erro.” (Alcorão, 3:164, 2007, p.114).

O conhecimento traz recompensas, para aqueles que apontam o caminho para algo bom, e essa recompensa não cessa após a morte deste, mas continua a aumentar enquanto aqueles que dessas pessoas receberam conhecimento obtêm benefícios. "Quando um homem morre, todas as suas boas ações terminam, exceto três: caridade contínua (*Sadaqah Jariyah*), conhecimento benéfico e um filho justo que ora por ele." (Sunan An-Nasa'i 3651 Grau: Sahih autêntico, 2007, p. 356).

### **O conhecimento e seus expoentes no Medievo**

O Islã deu atenção especial ao ensino e à educação, segundo o Corão, Deus foi o primeiro instrutor da humanidade, ensinando ao homem a fala e a inteligência

(ALCORÃO 55:3-4, 2007, p.891). Os profetas eram professores para a humanidade, pois tinham a responsabilidade de ensinar. Aquele que sabe e não ensina será condenado. (Muttaqi Hindi, Ali Bin Hisam Al-Deen, 2010, p.190), e “Qualquer indivíduo que possui um conhecimento benéfico e valioso e o esconde, no Dia do Juízo, Deus amarrará uma corrente de fogo em seu pescoço”.(idem, p.216).

A busca pelo conhecimento não se restringe a um determinado sexo ou classe social, mas também é importante e obrigatória para as mulheres. “*A busca por conhecimento é obrigatória para todo homem muçulmano e mulher muçulmana*” (Sunan Ibn Majah).

Dos vários ramos de conhecimento do Islã, de acordo com Ahmad Tijani e Muhamad Zahiri (2013), existem três categorias de conhecimento segundo o Alcorão (62:2, 2007, p. 934) que formam uma base sólida para a integração do conhecimento:

O conhecimento Religioso, cuja essência é a *Tawhid*<sup>7</sup>, sendo este o principal fundamento do discurso intelectual islâmico, as ciências puras, ciência que dependem de deduções empíricas e as ciências naturais, um ramo da ciência que trata do mundo físico, que capturam as explorações dos fenômenos naturais.

O erudito não traz benefícios somente para si, mas também para outros, pois no dia do juízo este irá para o céu, assim como aqueles que ele ensinou além de que ele com seu conhecimento, reconhece e adverte sobre as armadilhas de Satanás.

Ou seja, os que tem o conhecimento, guiam a humanidade, e nem todos são dignos de ser chamados de estudiosos, quem obtêm esse título está em sintonia com o conhecimento e está a caminho da felicidade, estes o Alcorão os descreve como: “*Aqueles temem verdadeiramente a Deus, entre Seus Servos, que têm conhecimento*”. (Alcorão 35:28, 2007, p.712).

O medo advém de não cumprir suas responsabilidades diante do poder da Allah, pois quem conhece a lei sabe de seu papel e de sua importância na propagação da mensagem de Deus. Ao adquirir conhecimento o fiel pode discernir o certo do errado, e essa preocupação com a instrução pode nos ajudar a compreender o avanço islâmico por séculos nas ciências como a matemática, a medicina, além da química assim como a manutenção de escritos científicos gregos, assim como a fundação da primeira universidade do mundo Al-Azhar (800 d. C).

A necessidade de preservar o Alcorão e as Tradições (*Hadith*) despertou o espírito de coletar tais escritos em várias formas, o que abriu caminho para o estabelecimento das primeiras bibliotecas do mundo muçulmano. As mesquitas que, durante as primeiras décadas do Islã, formaram os centros nervosos de todas as atividades políticas, sociais, religiosas e educacionais, abrigavam valiosas bibliotecas contendo livros sobre religião, filosofia e ciência.

Há célebres estudiosos muçulmanos durante o medievo, como o matemático e astrônomo Al-Khwārizmī (Algoritmi) (780-850), que utilizou o *al-jabr*, operação matemática por ele usada, que derivou a Álgebra.

Assim como o médico e filósofo Ibn Sina (Avicenna) (980-1037), cujos textos forma usados nas universidades europeias até o século XVII, Ibn Rushd (Averróis) (1126-1198) que influenciou a erudição no mundo islâmico e na Europa durante séculos, com seus comentários sobre a filosofia de Aristóteles, seus livros foram usados em universidades europeias até o século XIX, outro comentador de proeminente de Aristóteles foi Al-Farabi (Alpharabius) (870-950).

O ensino era segmentado por sexo, a partir do século VIII, um sistema de ensino fundamental *kuttāb*<sup>8</sup> tornou-se comum, geralmente ligado a mesquitas, mas, ao mesmo tempo, era uma instituição separada delas. As crianças entre seis e dez anos focavam na memorização do Alcorão, além de aprender caligrafia, números e rituais islâmicos. Mais tarde, estudavam disciplinas complementares por três anos, incluindo gramática, retórica, literatura e história islâmica.

A educação na mesquita durante a época do Profeta Muhammad pode ser dividida em duas fases distintas: a fase inicial de alfabetização, na qual as crianças muçulmanas eram ensinadas a ler e escrever o Alcorão, e o estágio secundário, no qual os adultos se aprofundavam no estudo do Islã. O instituto *kuttāb*, que era uma espécie de escola associada à mesquita, desempenhou um papel fundamental nesse processo educacional.

Há uma relativa confusão sobre o status das escolas primárias islâmicas, com evidências históricas sugerindo a existência de duas formas diferentes: o *kuttāb* e o *maktab*, ou a possibilidade de ambos os termos serem usados para descrever o mesmo tipo de instituição. Alguns estudiosos, consideram o *kuttāb* e o *maktab* como tipos de

escolas primárias. Eles argumentam que essas escolas, cujas origens remontam ao sistema educacional bizantino oriental, focavam no ensino da leitura e escrita, e que eram frequentemente localizadas em casas de professores. (Hussain, 2013, p. 46)

Outros, concordam que o *maktab* era uma forma de escola que se originou da tradição educacional bizantina e eram prevalentes em cidades e vilas, mas argumentam que ele diferia do *kuttāb*. Segundo Khalid Oadah, em seu livro *The Madrasah System in Mediaeval Time*, o *maktab* era uma instituição secular onde eram ensinadas habilidades como alfabetização, poesia e gramática, enquanto o *kuttāb* era especificamente voltado para o ensino da leitura do Alcorão. (Oadah, 1998, p. 93)

Além de ensinar o Alcorão e assuntos religiosos, eles abrangiam uma variedade de disciplinas, como poesia, equitação, natação, provérbios, aritmética básica, gramática, etiqueta (*adab*) e caligrafia. Embora os conteúdos do currículo pudessem variar segundo os interesses e as origens culturais e sociais locais, esses Maktabs eram prevalentes em regiões como Espanha, Sicília, África e Oriente Médio. (Nakosteen, 1969, p. 46)

Assim, enquanto há debate sobre a natureza exata dessas escolas primárias, é claro que tanto o *kuttāb* quanto o *maktab* desempenharam papéis importantes na educação islâmica, cada um com seu foco e ênfase específicos.

Inicialmente, o *kuttāb* era centrado no ensino da leitura do Alcorão, com os professores sendo conhecidos como "mugri", indicando sua especialização nessa área. No entanto, à medida que o tempo passou e o currículo do *kuttāb* se expandiu para incluir mais do que simplesmente a leitura do Alcorão, o papel dos professores evoluiu, e eles passaram a ser chamados de "mu'allim" ou simplesmente "professor".

Essa evolução do *kuttāb* reflete mudanças significativas tanto no currículo quanto na estrutura institucional. Nos primeiros anos dos Omíadas, houve uma transição para um sistema mais abrangente de educação elementar, com o *kuttāb* tornando-se mais independente das mesquitas. Por volta do século VIII d.C., um sistema geral de educação primária estava em vigor, com o *kuttāb* frequentemente funcionando como uma extensão semi-independente da mesquita. (Dodge, 1962, p.3)

Além do *kuttāb*, outros espaços eram destinados ao ensino e cumpriam diferentes etapas do aprendizado, assim como existiam em temporalidades distintas

conforme a liderança do momento: havia as Escolas do Palácio, existentes dentro dos palácios e além do currículo ministrado nos *maktab*, ministravam disciplinas ligadas à alta educação, para uma sociedade polida e que serviria ao governo dos califas, os seus instrutores eram chamados *mu'addibs* de *adab* (boas maneiras, os alunos aprendiam a arte da oratória e boa conversação, ética, e história.

Outras eram as Escolas das Livrarias, um dos três tipos de escola de escrever (as outras eram as *maktabs/ kuttāb* e as escolas do palácio) eram instituídas em livrarias, em residências privadas de grandes mestres e nos chamados salões literários, tiveram grande destaque durante a dinastia Omíada que aumentaram o acesso a livrarias, eram frequentadas por estudiosos que pesquisavam, examinavam e estudavam os livros ali disponíveis, notáveis como Avicenna, al-Ghazalli e al-Farabi eram frequentadores desses espaços.(Nakosteen, 1969, p. 47-48)

Outro espaço era a *Madrasah* (Lugar para dar Lição ou escola de Instrução Pública- um local de educação para líderes religiosos muçulmanos e estudiosos. Embora a educação islâmica tenha suas raízes na época do Profeta Muhammad, os centros de aprendizado só surgiram entre primeiro e o segundo séculos do Islã.

Um dos mais proeminentes foi a al-Azhar, no Egito, inaugurada sob os fatímidas em 970 d.C. O estabelecimento da Faculdade Nizamiyyah em Bagdá, em 1066, marcou o início do sistema *madrassa*. Posteriormente, muitas outras Nizamiyyas foram abertas, tanto na região quanto em outras áreas. O objetivo dessas madrasas era promover uma compreensão uniforme da lei islâmica e da teologia. (Campo, 2009, p. 446) Eram frequentadas por estudiosos mais avançados, e/ou que não se adaptavam ao ensino das *maktabs*.

Temos também a Universidade, uma das de maior destaque era o centro de Mustansiriyyah, que rivalizava com a Faculdade Nizamiyyah, e se comparava às Ocidentais de Oxford, Bologna, e Paris. (Nakosteen, 1969, p. 52)

### **O ensino elementar**

Geralmente, o dia escolar era dedicado à leitura e escrita, com correções feitas nas tardes de terça e manhãs de quinta. Os professores, geralmente homens casados e

respeitados, usavam punições físicas, como chicotadas nas solas dos pés (Dar Ihyā', 1957, p.58), para disciplinar os alunos. As escolas eram frequentadas por muitos alunos, com o mestre ministrando aulas em um banquinho enquanto os alunos se agachavam ao seu redor. (Dodge, 1962, p.5). Esse método é conhecido como *Halaqah*, o semicírculo era formado de acordo com um ranking, onde os mais avançados sentavam mais próximos do professor. (Hussain, 2013, p.10)

Grandes professores eram altamente respeitados como símbolos de conhecimento e sabedoria, e suas palavras eram cuidadosamente registradas pelos alunos em cadernos. Esses cadernos, muitas vezes, eram revisados pelo professor, que os corrigia e aprovava para uso no ensino para outros. O método de ensino envolvia frequentemente ditados (*imla*), nos quais o professor discursava enquanto os alunos registravam suas palestras.

Quando uma série de palestras estava disponível, os alunos eram encorajados a estudar e discutir os pontos principais entre si, para melhor orientação em áreas específicas. Mesmo os alunos mais avançados, incluindo novos e visitantes, eram incentivados a questionar o professor e a discordar de suas afirmações. Conflitos entre alunos e professores eram comuns, mas visavam a busca pela verdade e pelo conhecimento.

Cada assunto era abordado metodicamente pelo professor, começando com uma visão geral e conectando o conteúdo atual com palestras anteriores. Isso permitia uma compreensão contínua e aprofundada, com tempo dedicado às partes mais complexas para esclarecimento. O objetivo era promover a investigação e a compreensão, mesmo que isso implicasse em discussões acaloradas e debates desafiadores. (Nakosteen, 1969, p. 46)

Porém, eram raras as meninas que podiam avançar nos estudos, sendo que a maioria seguia a regra vocacional reservadas a aprender em casa com suas mães como cozinhar e manter a casa visando se preparem para o casamento, outras advindas de famílias pobres poderiam se tornar favoritas do palácio, ou concubinas, se soubesse cantar, dançar, recitar o Corão, poesia antiga, soubesse conversar e tivesse grande beleza, podendo ter uma vida de luxo e influência. (Dodge, 1962, p.6)

O papel das mulheres no mundo islâmico medieval tem sido frequentemente subestimado, mas evidências históricas revelam uma contribuição significativa em diversas áreas, desde a enfermagem até a matemática e astronomia. Rufayda al-Aslamiyyah, por exemplo, é reverenciada como a primeira enfermeira islâmica, cujas habilidades clínicas e compromisso social marcaram sua época. Além de cuidar dos doentes, ela treinou outras mulheres para atuar na área da saúde e desempenhou um papel crucial no apoio a crianças carentes e órfãos.

No campo da matemática, nomes como Amat-Al-Wahid Sutaita Al-Mahamli de Bagdá e Lobana de Córdoba brilham na história islâmica. Destaca-se também Sutayta Al-Mahamali, uma erudita versátil que não se limitou à matemática, mas também se destacou em literatura árabe, *hadith* e jurisprudência. Sua expertise em aritmética e cálculos sucessórios evidencia sua habilidade excepcional, demonstrando uma compreensão profunda da disciplina.

No campo da astronomia, embora poucos registros subsistam, encontramos menção a mulheres como Al-'Ijliya, conhecida por sua habilidade na fabricação de astrolábios. Embora sua história seja escassamente documentada, sua presença na lista de especialistas e artesãos astronômicos de Ibn al-Nadim sugere uma contribuição valiosa para o conhecimento científico de sua época.

Fátima al-Fehri emerge como uma figura influente na educação e cultura islâmica, utilizando sua herança para estabelecer a Mesquita Qarawiyin, que se tornou uma das mais antigas universidades do mundo. Sua dedicação à educação e ao bem-estar de sua comunidade ressalta o papel crucial das mulheres na preservação e transmissão do conhecimento na sociedade islâmica medieval.

Essas figuras destacadas desafiam estereótipos de gênero e evidenciam o papel fundamental das mulheres na produção e disseminação do conhecimento em diversas áreas do mundo islâmico medieval. Suas contribuições não apenas enriqueceram suas sociedades, mas também influenciaram o curso da história intelectual e científica. (Al Hassani, 2019, s/n).

Percebemos a importância dada à busca pelo conhecimento e o incentivo dado àqueles que podiam acessá-lo, mas essa dádiva tem um preço, o uso desse dom para a manutenção da tradição, a busca da perfeita prática da fé e a transmissão da mensagem

de Allah a todos independente de seu gênero e posição social. Esse pensamento ganha destaque e faz com que a civilização islâmica seja extremamente voltada a expansão do saber, que ultrapassou suas possessões, chegando ao ocidente trazendo importantes contribuições para as ciências como as conhecemos hoje.

### **Considerações**

O processo de construção de ensino e aprendizagem no Islã medieval revela a profunda integração entre fé e conhecimento na tradição islâmica. Contrariando a visão simplista de uma rejeição ao saber fora do Corão, a história do Islã demonstra um intercâmbio cultural e intelectual robusto com outras civilizações, como a persa, helenística e hindu. A educação islâmica não se limitava ao ensino religioso, mas abrangia uma ampla gama de disciplinas, refletindo um compromisso com a aquisição e transmissão do conhecimento em todas as suas formas.

A organização do ensino islâmico, desde os tempos do Profeta Maomé, evoluiu para incluir instituições como o *kuttāb* e o *maktab*, que desempenharam papéis cruciais na disseminação do conhecimento. Essas instituições não apenas preservaram os ensinamentos corânicos, mas também promoveram estudos em áreas como a ciência e a filosofia.

Além disso, o conceito de *‘ilm* (conhecimento) no Islã é multifacetado, englobando desde o conhecimento divino até disciplinas acadêmicas seculares. Essa abordagem holística do conhecimento reflete-se na valorização do aprendizado contínuo e na interconexão entre ciência e espiritualidade. O ensino islâmico medieval, com sua ênfase na reconciliação entre razão e fé, mostra-se semelhante ao escolasticismo cristão, destacando a universalidade do desejo humano de compreender e integrar diferentes aspectos do saber.

Percebe-se que a tradição islâmica valoriza o conhecimento como um caminho para a fé e o desenvolvimento pessoal. O legado educacional do Islã medieval continua a ser relevante, oferecendo lições sobre a importância do conhecimento, da inclusão e do intercâmbio cultural para a construção de uma sociedade mais justa e informada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AL GHAZALI, **Book of Knowledge**, Sec II.
- ALCORÃO (Tradução do Sentido do Nobre Alcorão Para a Língua Portuguesa). Texto árabe e tradução de Helmi Nasr. Medina: Complexo do Rei Fahd para imprimir o Alcorão, 2007.
- AL-HASSANI, Salim. 2019. “**Early Women of Science, Technology, Medicine and Management.**” Muslim Heritage. <https://muslimheritage.com/early-women-of-science/>
- CAMPO, J. E. (ed.) . **Encyclopedia of world religions, encyclopedia of Islam.** New York, USA: Gordon Melton, series Editor, Facts on File, Inc, 2009.
- DAS, Rosamandala. **Islam and the Vedas: The Koran and Vedic literature Reconciled.** Author House, Indiana, US, 2012.
- DODGE, Bayard. **Muslim Education in Medieval Times.** Washington, D.C. The Middle East Institute, 1962.
- HUSSAIN, Amjad M. **A social history of education in the Muslim world : from the prophetic era to Ottoman times.** Ta-Ha Publishers Ltd.London, UK, 2013
- Islā(al-) al-Yawn wa Ghadan .**Dār Ihyā’ al-Kutub al-‘Arabīyah.** Cairo, 1957
- MAJLISI, Muhammad. **Baqir, Bihar al-Anwar**, vol. 75.Beirut, 1403/1983.
- MAKAREM SHIRAZI, Nasser, **Tafsir Nemouneh**, Islamic Library, 1991.
- MU’JAM AL-KABĪR (11 v.) por Ṭabarānī, Sulaymān ibn Aḥmad, Publicado: **Bayrūt: Dār Iḥyā’ al-Turāth al-‘Arabī lil-Ṭibā’ah wa-al-Nashr wa-al-Tawzī’**, 2009.
- MUTTAQI HINDI, ALI BIN HISAM AL-DEEN, **Kanz al-‘Ummal**, vol. 10.Beirute, 2010.
- NAKOSTEEN, Mehdi. **History of Islamic Origins of Western Education, A.D. 800–1350 Boulder:** University of Colorado Press, 1964.
- OADAH, Khalid F., **The Madrasah System in Mediaeval Time, PhD:** Cardiff University, 1998.

SUNAN ABU DAWUD Imam Hafiz Abu Abdullah, Riyadh, **Maktaba** Dar-us-Salam, 2008.

SUNAN AN-NASAI Ahmad bin ‘Ali- An-Nasai -Riyadh,4v. **Maktaba** Dar-us-Salam, 2007.

SUNAN IBN MAJAH, Imam Hafiz Abu Abdullah, Riyadh, 5v, **Maktaba** Dar-us-Salam, 2007.

SUNAN JAMI’ AL-TIRMIDHI Muhammad Ibn ‘Eisa At- Tirmidhi 5v, **Maktaba** Dar-us-Salam, 2007.

## Notas

---

<sup>1</sup> Doutora em História pelo Programa de Pós-Graduação em História e Conexões Atlânticas: culturas e poderes (PPGHIS-UFMA/CAPES). Membro do HILL-UFMA (História, Cultura Letrada e Outras Linguagens) e do BRATHAIR (Grupo de Estudos Celtas e Germânicos).

<sup>2</sup> Um hadith é um pequeno relato, história ou tradição sobre o que Muhammad (m. 632), o fundador histórico da religião islâmica, disse ou fez e sobre o que ele não disse nem fez. (T.A) CAMPO, J. E. (ed.) . Encyclopedia of world religions, encyclopedia of Islam. New York, USA: Gordon Melton, series Editor, Facts on File, Inc, 2009, p. 278.

<sup>3</sup> Uma das seis mais qualificadas e canônicas coleções de hadith reconhecidas pelos sunitas são elas de al-Bukhari (m. 870), ibn al-Hajjaj (d. 874), Abu Daud (m. 888), al-Tirmidhi (m. 892), Ibn Maja (m. 892), e al-Nasai (d. 915). Destes, os dois primeiros são considerados os mais corretos e são, portanto, chamadas de “os dois corretos”(al-sahihan). Todos os seis estão organizados por assunto, como o Talmude judaico (a Torá oral de Moisés). A coleção muçulmana, por exemplo, é organizada em “livros” sobre os seguintes temas: assuntos de Fé, pureza ritual, oração, esmola, jejum, hajj, transações comerciais e juramentos, crimes punições, Jihad, governo, sacrifício, bebidas, vestimentas, saudações e visitas, e miscelânea, incluindo relatos sobre o pós-vida e comentários do Alcorão.(T.A) CAMPO, J. E. (ed.) . Encyclopedia of world religions, encyclopedia of Islam. New York, USA: Gordon Melton, series Editor, Facts on File, Inc, 2009, p. 279.

<sup>4</sup> Cada um dos 114 capítulos do Alcorão.

<sup>5</sup> Dicionário histórico de natureza enciclopédica conhecido como Grande Dicionário ou Dicionário Abrangente.

<sup>6</sup> Sharia é a lei do Islã baseada na soberania dos mandamentos de Deus e proibições transmitidos pelo Alcorão, e na Sunna de Muhammad e seus Companheiros, como incorporados no hadith. Isso é muitas vezes identificado com outro conceito de islâmica lei—jurisprudência (*fiqh*). (T.A) CAMPO, J. E. (ed.) . Encyclopedia of world religions, encyclopedia of Islam. New York, USA: Gordon Melton, series Editor, Facts on File, Inc, 2009, p. 620.

<sup>7</sup> Conceito teológico fundamental do Islam, expresso na *shahāda*, testificação, onde se declara que há somente um Deus Supremo, e que Maomé é Seu mensageiro. Na *shahāda* está o princípio básico do Islã: “*ašhadu ‘an lā ‘ilāha ‘illa -llāhu, wa- ‘ašhadu ‘anna muḥammadan rasūlu -llāh.*” (أَشْهَدُ أَنْ لَا إِلَهَ إِلَّا اللَّهُ وَأَشْهَدُ أَنَّ مُحَمَّدًا رَسُولُ اللَّهِ) Presto testemunho de que não existe outro deus além de Deus, e testifico que Muhammad é o mensageiro de Deus. Esse testemunho é a fundação para todas as outras crenças e práticas do Islã. Os

---

muçulmanos repetem a *shahāda* em oração, e os não muçulmanos que querem se converter ao Islã são obrigados a recitar esse testemunho no momento de sua conversão T.A.(DAS, 2012, p. 22).

<sup>8</sup> Uma escola islâmica tradicional do Alcorão que oferece níveis elementares de educação, o *kuttāb* também é às vezes conhecido como *maktab*, embora ocasionalmente os dois tinham funções separadas. O *kuttāb* currículo consistia principalmente em memorizar o Alcorão e aprendendo os fundamentos islâmicos, crença e prática. Mas também poderia incluir estudo de gramática árabe, árabe ou persa clássico, poesia e aritmética básica. A instrução estava centrada na memorização por meio de ditado, escrita, e recitação, com pouco ou nenhum tempo de ensino dedicado ao significado dos textos. Na Idade Média, apenas uma minoria de rapazes das idades de cerca de quatro a 10 anos receberam a oportunidade de estudar em um *kuttāb*. Na maioria das regiões e períodos, as meninas foram excluídas da frequência, mas esta situação mudou nos séculos XIX e XX. T.A (Campo, 2009, p.437) O termo *kuttāb* é anterior ao Islã sendo encontrado em textos Pahlavi. T.A (Hussain, 2013, p.45)